

“LEMBRANÇAS DE ESCOLAS”: FLUXOS INVENTIVOS DO DEVER-CRIANÇA*Janete Magalhães Carvalho¹**Dulcimar Pereira²**Larissa Rodrigues³***PPGE/UFES**

Vamos conversar sobre o que significa ser ou vir a ser criança?



“O que é ser criança?”

Para começar, entendemos que os afetos são devires constituídos pela latitude e longitude de um corpo. Assim, não sabemos nada de um corpo enquanto não sabemos o que pode ele, isto é, quais são seus afetos, como eles podem ou não se compor com outros afetos, com os afetos de um outro corpo, seja para destruí-lo, seja para ser destruído por

¹ Doutora em Educação e Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo

² Doutoranda em Educação (PPGE-UFES) e professora da Rede Municipal de Vitória.

³ Mestranda em Educação (PPGE/UFES) e professora da Rede Municipal de Vitória.

ele, seja para trocar com esse outro corpo ações e paixões, seja para compor com ele um corpo mais potente.

Recorrendo às crianças, se nota como elas falam dos animais e objetos e se comovem com isso. O boneco brinquedo de "Miguel" não é representativo, mas afetivo. Ele não é o membro de uma espécie, mas um elemento ou um indivíduo num agenciamento definido por uma lista de afetos, ativos e passivos, e que inclui: a professora, a sala de aula, a casa, o bar em frente, o supermercado vizinho, a rua, o orgulho, mas também os riscos dessa conquista... Desse modo, deve-se buscar saber se "Miguel" pode dar a seus próprios elementos afetos que o fazem devir. Há um agenciamento ainda desconhecido, mas que poderia ser potência para "Miguel"?

Nesse sentido, é preciso não comparar órgãos ou corpos individualizados, mas colocar elementos ou materiais numa relação que arranquem a criança, à sua especificidade, para fazê-la devir "com" o outro.

Assim, ao estabelecermos redes de conversações com alunos de segundas séries, sobre o que eles pensam sobre a escola, sobre o que é ser criança, observamos que muitos desejavam se manifestar. Decidimos, então, trabalhar com uma oficina de bonecos. Cada aluno iria fazer seu próprio boneco: "*uma criança*".



Foram disponibilizados bonecos de papel com as seguintes cores: preto, marrom e branco. Ao perguntar aos alunos quem gostaria de fazer seu boneco com tom de pele negra, apenas 3 levantaram a mão.

Esse acontecimento atravessa os possíveis do devir-criança, considerando tratar-se de uma comunidade escolar composta por



maioria de alunos negros. O não reconhecimento desses alunos com seu tom de pele, com suas origens, ao optarem pelo boneco de cor branca, explicita a hegemonia de discursos que valorizam ou priorizam determinadas raças, etnias, conhecimentos, culturas, estipulando padrões e modelos a serem idealizados. No decorrer da atividade pudemos perceber

que algumas crianças falavam espontaneamente, outras reproduziam discursos “politicamente corretos” como se estivessem respondendo o que gostaríamos de ouvir. Um exemplo: quando perguntamos o que era ser criança, um aluno respondeu: *é ser bom, aprender a ler e escrever (...)*. Outros alunos ressaltaram que ser criança é brincar e ser feliz.

Durante as conversas, foi possível notar que enquanto um aluno respondia, outros iam acrescentando suas opiniões, associando o que aprendem na escola com o que vivem fora da escola.

Ao circular pela sala, entre os grupos para ouvi-los, íamos acompanhando alguns processos de confecção dos bonecos, observamos que foram surgindo bonecos muitos distintos: com traje de banho, com uniforme de futebol, com vários acessórios como cordões, bolsas, flores nas mãos. Também registramos que alguns faziam bonecos com espadas e arma de fogo nas mãos.

Foucault (1988), ao comentar sobre as tecnologias de poder e de si, chama de governabilidade o contato entre as tecnologias de dominação dos outros e as que se referem a si mesmo e que se constituem em redes de produção de processos de subjetivação. Imersos nessas redes necessitamos problematizar esses fluxos inventivos de um devir-criança-branca.

Assim, falar sobre o devir-criança no cotidiano escolar implica problematizar, experimentar, acompanhar movimentos que vão transformando a cultura da escola, fortalecendo a criação coletiva e individual, ou seja, o questionamento do campo dos possíveis do coletivo escolar se constituir em redes singulares de experiências inventivas.

.....

√ Janete Magalhães Carvalho, Dulcimar Pereira e Larissa Rodrigues –
PPGE/UFES

Referências bibliográficas (ou textuais):

- FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro : Graal, 1988.